

GARCIA, Walter Esteves (org.). *Educadores brasileiros do século XX*. Brasília: Plano Editora, 2002. v.1

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: RESGATANDO A HISTÓRIA

*Mestre em Sociologia da Educação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Pesquisador da Cátedra do Oprimido do Instituto Paulo Freire (IPF). Professor do Departamento de Educação na UNINOVE.

**Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano. Pesquisador da Cátedra do Oprimido do Instituto Paulo Freire (IPF). Professor do Departamento de Educação na UNINOVE.

*Luis Monteiro Teixeira**
*Vivaldo Paulo dos Santos***

Educadores brasileiros do século XX, volume 1, é parte do projeto de alguns educadores militantes: Walter Esteves Garcia, José Eustáquio Romão, Celestino Alves da Silva Júnior e Cândido Gomes. A idéia da obra surgiu no fim de 1999, com objetivo de “registrar a trajetória pessoal e profissional de educadores que contribuíram de maneira significativa para melhorar o conhecimento e/ou a prática educativa em nosso país” (p. 9). Este volume teve motivação no *Dicionário dos Educadores*, organizado por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Brito e publicado em 1999 pela UFRJ/MEC/INEP. Acrescente-se, todavia, que enquanto o *Dicionário* configura uma compilação de verbetes sobre os educadores, a obra que aqui resenhamos aprofunda-se numa análise interpretativo-biobibliográfica, em que vida e obra de cada um dos educadores estão consignadas em capítulos específi-

cos, contextualizadas.

Não se trata de obra unilateral do ponto de vista ideológico; ao contrário, registra as diversas contribuições, independentemente da ideologia que identifica cada um dos educadores. O objetivo central “é chamar a atenção das autoridades educacionais e do público em geral para o papel-chave que representa o educador para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e de melhores oportunidades para todos” (p. 12). A obra analisa a trajetória de educadores, buscando resgatar o período e as circunstâncias em que o trabalho de cada um deles foi desenvolvido, e tenta identificar fatores que determinaram o êxito e as posturas assumidas ao longo da vida profissional. Traz a público nome, trajetória e contribuição de onze educadores do século XX que aprofundaram, ampliaram e melhoraram o conhecimento e a prática educativa.

A organização deste volume inaugu-

ral esteve a cargo de Walter Esteves Garcia, diretor do Instituto Paulo Freire, ex-coordenador de Educação do CNPq e presidente da ABT – Associação Brasileira de Tecnologia Educacional –, amplamente gabaritado, portanto, para tal empreitada. Como critério de definição dos articulistas, utilizou-se o trabalho de pesquisa que cada um deles já vinha desenvolvendo sobre um determinado educador brasileiro, independente de subsídios de qualquer tipo, a não ser o apoio técnico da Plano Editorial. O organizador conseguiu reunir onze respeitadas educadores que formam o primeiro time encarregado da pesquisa, que vale a pena relacionar aqui, ao lado do time pesquisado: *Aluísio Pimenta*, estudado por Virgínia Schall; *Dermeval Saviani*, analisado por Celestino A. da Silva Júnior; *Durmeval Trigueiro Mendes*, pesquisado por Maria de Lourdes de A. Fávero; Fernando de Azevedo, cujo estudo foi feito por Libânea Nacif Xavier; *João Calmon*, estudado por Cândido Gomes; *Joel Martins*, sob a responsabilidade da dupla Maria Aparecida Viggiani Bicudo e Vitória Helena Cunha Espósito; *José Querino Ribeiro*, analisado por José Augusto Dias; *Maria José G. Werebe*, comentada pelo organizador, Walter E. Garcia; *Paschoal Lemme*, estudado pelo professor Jader

de Medeiros Brito; *Paulo Freire*, cujo legado foi analisado por José Eustáquio Romão; *Valmir Chagas*, a cargo de Célio da Cunha.

Ainda que breve, e sem querer privar o leitor de tão saborosa leitura, convém destacar algumas idéias contidas neste volume. A obra começa com a trajetória de Aluísio Pimenta, pautada por sua luta contra o autoritarismo reinante e em favor da democratização das instituições. Lutou ao lado de grandes educadores brasileiros, como por exemplo, Paulo Freire. O próprio Aluísio afirma:

Paulo foi também uma influência grande, antes de ir para a Reitoria da UFMG, quando ele lançou as bases de seu método no Centro Popular de Cultura (CPC) do Recife, em Pernambuco, e depois se mostrou aqui no sul, como essa figura extraordinária, um pensador. Naquela época, aqueles que faziam educação estavam muito presos, fechados, tradicionais, e o Paulo Freire veio e trouxe uma abertura, mostrando como educar, situando a educação no contexto brasileiro. (p. 2)

A lucidez, a inteligência e a paixão pela educação, aos 77 anos de idade, dão conta do comprometimento de Aluísio Pimenta ao longo da vida.

O registro da caminhada de Derm-

eval Saviani e a emergência de suas idéias na vida acadêmica brasileira após os anos 60 – particularmente nos anos 80, por seus inúmeros textos e pela multiplicidade de ações –, levam-nos a refletir sobre o papel da escola pública em uma sociedade dividida em classes. Sua proposta é eminentemente política: a escola pública deve assumir compromisso com a maioria dominada da população e, no seu interesse, deve ser encarada como

práticas sociais produzidas historicamente no interior das relações de classes ao modo capitalista de produção. Como tal, e reconhecendo o antagonismo das forças em conflito, luta-se conforme a visão de mundo assumida, para reprodução das relações sociais até aqui dominantes, ou luta-se pela superação e pela constituição de novas relações sociais. (p. 71)

A contribuição de Durmeval Trigueiro para a Filosofia da Educação é significativa. Ele viveu suas convicções, pautando suas propostas na coerência entre o pensar e o agir. “O exame atento de algumas de suas principais idéias e propostas levam-me a observar a pertinência de suas reflexões ontem e hoje”, afirma Fávero à página 110. De fato, trata-se de uma obra que se destaca

pela pertinência, atualidade e coerência entre discurso e ação – como educador ou administrador da educação.

Fernando de Azevedo, liderando educadores nos anos 1920-1930, inicia a reforma do período 27-30, continuada por Anísio Teixeira em 1931-1935. A parceria entre esses dois grandes educadores, de reconhecida liderança nacional, influenciaram grandes expoentes da nova geração, como Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, que deram continuidade à luta em prol da democratização da escola pública. Cabe ressaltar que Fernando de Azevedo partilhou do modelo político liberal que via o Estado como legítimo portador da vontade comum, enquanto Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro defendiam a escola pública numa perspectiva socialista.

A inclusão do senador João Calmon na coletânea parece estranha. Entretanto, é plenamente justificada, levando-se em conta a sua ampliação do conceito de educação – a da formação de opiniões e de atitudes. Também sua luta por aumento dos recursos públicos para a educação, com base no produto interno bruto (PIB), resultando na Emenda Calmon que elevou o percentual de 2,8%, em 1985, para 4%, em 1989, impõe sua presença entre os educadores

importantes do Brasil. Atuou vinte anos na Comissão de Educação, contada a atuação na Câmara e no Senado. Sua participação ativa na Constituinte de 1988 permitiu incluir o artigo 212 em nossa lei maior.

A trajetória de Joel Martins é pautada pela inquietude intelectual e busca constante de novas respostas para os velhos problemas da educação e da sociedade:

Persistência, ousadia, entusiasmo, irreverência, exigência, compromisso, perspicácia, serenidade são aspectos no seu modo de ser que, certamente, definiram sua atuação profissional. Fizeram dele um intelectual inquieto, inconformado, irreverente, exigente, sempre em busca de transformações políticas e institucionais que viabilizassem a educação, a construção do conhecimento, a criação do novo, o enfrentamento de desigualdades sociais. (p. 180)

Joel Martins foi educador, amigo, orientador, intelectual inquieto, estando sempre disposto a encontrar a palavra amiga, confortadora e entusiástica para animar as pessoas que o cercavam e contagiar o ambiente onde vivia.

Quanto a José Quirino Ribeiro, sem dúvida, foi o primeiro educador brasileiro a questionar o modelo de administração escolar apoiado nas teorias gerais

da administração. Nos idos de 1950, já chamava a atenção para a especificidade e peculiaridade da organização escolar e alertava sobre as sutilezas das relações humanas ali existentes.

Considerando que na escola a idéia de autoridade tem sentido particular, já porque a distância que separa os que devem comandar dos que devem ser comandados é muito pequena, já porque a educação moderna condena o ‘magister dixit’, a função de comando tem, nela, um sentido próprio. A base das relações humanas na unidade ou no sistema escolar é a colaboração esclarecida e consentida e não a subordinação fundada na autoridade como força para se fazer obedecer ou se fazer crer. (p. 216)

Analisado em seu momento histórico e sem os referenciais teóricos hoje disponíveis, Quirino há de ser visto como pioneiro na luta pela busca de uma teoria para a administração escolar no contexto brasileiro.

O relato da vida e da atuação política e acadêmica de Maria José G. Werebe ganha importância histórica ao permitir resgatar informações preciosas sobre episódios ocorridos na Universidade de São Paulo, antes do golpe de 1964 e da repressão, da qual a própria educadora foi vítima.

Paschoal Lemme participou da equipe de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, filiou-se à Associação Brasileira de Educação (ABE), foi o mais jovem signatário do Manifesto e um dos mais ativos articuladores do movimento escolanovista:

A leitura do Manifesto Comunista e, de um resumo do Capital de Marx causou-lhe grande impacto. Pareceu-lhe que tinha encontrado a chave que desvendava as causas da situação a que chegara a humanidade, principalmente os instrumentos lógicos e operacionais para os novos caminhos em busca da justiça social, com a abolição da exploração do homem pelo homem. (p. 266)

Apesar do inegável valor da ação dos Pioneiros da Educação Nova, ia-se tornando cada vez mais clara a necessidade de avançar para tornar esse sonho realidade.

Parte do legado de Paulo Freire, aqui apresentado por José E. Romão, confirma a extraordinária contribuição deixada por aquele educador, ou melhor, pensador da cultura:

Aprendemos com Paulo a lição de que a transformação social e, no limite, a revolução, dependem tanto de nossos compromissos quanto de nossas estratégias. Os primeiros se constroem sobre

princípios de transformação social e de cumplicidade com os oprimidos; as segundas só podem ser adequadas, se resultantes da '*leitura crítica do mundo*', ou seja, se derivadas de nossa análise crítica do contexto. Esta também é uma lição que os partidos da esquerda latino-americana e brasileira deveriam aprender. (p. 296)

Não é sem motivo que Paulo Freire vem sendo apontado por boa parte da crítica internacional como o grande pensador do século XX.

Este volume encerra com a contribuição de Valmir Chagas. Apesar de sua participação no poder durante um dos momentos mais críticos da nossa vida política – a ditadura militar iniciada nos anos 60 –, há de se considerar o “fato de inexistir na história educacional brasileira uma tradição de efetivo aproveitamento dos educadores e de suas reflexões na formulação e execução de políticas educacionais”. (p. 366)

O volume 1 é apenas o primeiro de uma série de três tomos. O segundo volume já está em andamento, com lançamento previsto para 2003, sob a coordenação de José Eustáquio Romão, diretor-fundador do Instituto Paulo Freire, ex-pró-reitor acadêmico da Universidade Federal de Juiz de Fora e professor

do Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE; o terceiro volume será coordenado por Cândido Gomes.

Tal qual a edição de lançamento, seguramente devemos esperar, ansiosos, a continuidade desta obra de inquestionável fôlego. Além de constituir, a partir de sua publicação, uma referência obrigatória da pesquisa educacional no Brasil, *Educadores brasileiros...* tem o mérito de não ceder a tentações apologéticas, o que foi possível por terem os pesquisadores/autores orientado

pesquisa e textos pelo esforço de contextualização dos autores, remetendo-os aos desafios próprios de seu tempo histórico. Por tudo isso, esta será uma obra destinada a um lugar de destaque nas prateleiras dos educadores, leitura obrigatória para quem se ocupa dos misteres da formação e da política educacionais.